

BIBLIOTECA DE ESCRITORES PORTUGUESES
(SÉRIE C)

CARTAS
DO
PADRE ANTÓNIO VIEIRA
CÓORDENADAS E ANOTADAS

POR
J. LÚCIO D'AZEVEDO

TOMO PRIMEIRO



COIMBRA
IMPrensa DA UNIVERSIDADE
1925

CARTA LXXXIII

Ao Padre André Fernandes (1)

1659 — Abril 29

Conta me V. S.^a prodígios do mundo, e esperanças de felicidades a Portugal: diz-me V. S.^a que todos referem tudo à vinda de El-rei D. Sebastião, de cuja vinda e vida tenho já dito a V. S.^a o que sinto. Por fim ordena-me V. S.^a que mande alguma maior clareza do que tantas vezes tenho repetido a V. S.^a, da futura ressurreição do nosso bom amo e senhor D. João o quarto. A matéria é muito larga, e não para se escrever tão de caminho como eu o faço, em uma canoa em que vou navegando ao rio das Amazonas, para mandar êste papel em outra a alcançar o navio que está no Maranhão de partida para Lisboa. Resumindo pois tudo a um silogismo fundamental, digo assim: — *O Bandarra (2) é verdadeiro profeta; o Bandarra profetizou que El-rei D. João o quarto há-de obrar muitas cousas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando: logo El-rei D. João o quarto há-de ressuscitar.* — Estas três proposições sòmente provarei, e me parece que bastarão para a maior clareza que V. S.^a deseja.

(1) Impressa em *Obras Inéditas*, t. 1.^a (1856), com variantes notáveis, e muitas omissões. Parece que desta carta o próprio autor distribuiu várias cópias, mas o original, enviado ao Bispo do Japão, encontra-se no processo pelo delicto de heresia, que lhe moveu o Santo Ofício, em 1663, pela Inquisição de Coimbra.

(2) Gonçalo Anes Bandarra, sapateiro, que viveu em Trancoso na primeira metade do século xvi; famoso pelas *Trovas* que compôs, de sentido profético, cuja interpretação deu origem à crença dos sebastianistas.

PROVA-SE A CONSEQÜÊNCIA DÊSTE SILOGISMO

Colher bem a conseqüência dêste silogismo é discurso claro e evidente, porque se Bandarra é verdadeiro profeta, como se supõe, segue-se que infalivelmente se hão-de cumprir suas profecias, e que há-de obrar El-rei D. João as cousas que o Bandarra tem profetizado dêle; e como estas cousas não as pode obrar El-rei estando morto, como está, segue-se com a mesma infalibilidade que há-de ressuscitar. Esta ilação não só é de discurso, senão ainda de fé, porque assim o inferiu Abraão e assim o confirmou S. Paulo, declarando o discurso que Abraão fizera quando Deus lhe mandou sacrificar e matar a Isaac, sôbre quem o mesmo Deus lhe tinha feito tantas promessas que ainda não estavam cumpridas. *Fide obtulit Abraam Isaac* (diz S. Paulo), *cum tentaretur, et Unigenitum offerebat, qui susceperat repromissiones, adquem dictum est: Quia in Isaac vocabitur tibi semen: arbitrans quia et à mortuis suscitare potens est Deus.*

De sorte que Abraão, indo sacrificar a Isaac, em quem Deus lhe tinha prometido a sucessão de sua casa e outras felicidades ainda não cumpridas, fez êste discurso: « Deus prometeu-me que Isaac há-de ser o fundamento de minha descendência; Deus manda-me matar ao mesmo Isaac: segue-se logo que, se Deus não revogar o seu mandado, e se Isaac com efeito morrer, que Deus o há-de ressuscitar». Esta foi a conseqüência de Abraão, e esta é a minha depois de El-rei D. João o quarto morto, como já o tinha sido quando S. M. esteve no grande perigo de Salvaterra(1);

(1) Em 1654, quando Vieira pela primeira vez tornou do Maranhão a Portugal, e o encontrou enfêrmo.

em que tantas vezes e tão constantemente o repeti, e depois prèguei que, ou El-rei não havia de morrer, ou se morresse havia de ressuscitar. Assim o disse em sua vida, assim o prèguei em suas exéquias, assim o creio e espero; e assim o devem querer e esperar, por infalível consequência, todos os que tiverem a Bandarra por verdadeiro profeta, que é o que agora mostrarei.

PROVA-SE A PRIMEIRA PROPOSIÇÃO DO SILOGISMO

A verdadeira prova do espírito profético nos homens é o successo das cousas profetizadas. Assim o prova a Igreja nas canonizações dos santos, e os mesmos profetas canónicos, que são parte da Escritura Sagrada, fora dos princípios da fé não têm outra prova da verdade de suas revelações ou profecias, senão a demonstração de ter succedido o que elles tantos anos antes profetizaram.

O mesmo Deus deu esta regra para serem conhecidos os verdadeiros e falsos profetas: *Quod si tacita cogitatione responderis — Quomodo possum intelligere verbum quod Dominus non est locutus? Hoc habebis signum, quod in nomine Domini propheta ille praedixerit et non evenerit, hoc Dominus non est locutus.* No capítulo 18.^o prometeu Deus ao povo hebreu que lhe daria profetas de sua nação, e porque no mesmo povo costumavam a se levantar profetas falsos, e podia haver dificuldade em conhecer quais eram os verdadeiros e mandados por Deus, o mesmo Deus deu por regra certa, para serem conhecidos uns e outros, o succeder ou não succeder o que se tivesse profetizado: «Se não succeder o que o profeta disser, tende-o por falso, e se succeder o que disser, tende-o por verdadeiro e mandado por mim». Não se pode logo negar que Bandarra foi verdadeiro profeta, pois profetizou e escreveu tantos anos

antes tantas cousas, tão exactas, tão miúdas e tão particulares, que vimos todas cumpridas com nossos olhos, das quais apontarei aqui brevemente as que bastem, sucedidas todas na mesma forma e com a mesma ordem como foram escritas.

Primeiramente profetizou Bandarra que, antes do ano de quarenta, se havia de levantar em Portugal uma a que êle chama grã tormenta, que foi o levantamento de Évora, e que os intentos dessa tormenta haviam de ser outros do que mostravam, porque verdadeiramente eram para levantar todo o Reino, e que essa tormenta havia de ser logo amansada, e que tudo se havia de calar, e que os levantados não teriam quem os seguisse ou animasse, como verdadeiramente sucedeu. Isto querem dizer aqueles versos do *Sonho primeiro* (1):

Antes que cerrem quarenta
Erguer-se-á grã tormenta
Do que intenta,
Que logo será amansada,
E tomarão a estrada
Da calada,
Não terão quem os afoite.

Advirta-se que êstes versos se hão-de ler entre parêntesis, porque não fazem sentido com os três versos imediatamente seguintes, os quais se atam com os de cima, e êstes vão continuando a história com os que depois se seguem, estilo tão ordinário nos profetas como sabem os que os lêem.

Profetizou mais o Bandarra que havia de-haver tempo em que os portuguezes (os quais, quando êle isto escrevia, tinham rei e reino) haviam de desejar mudança de estado, e suspirar por tempo vindoiro, e que o cumprimentô dêste

(1) As *Troyas* são divididas em três partes ou Sonhos.

desejo e dêste tempo havia de ser no ano de quarenta: e que nêste ano de quarenta havia de haver um rei, não antigo senão novo; não que se introduzisse êle senão levantado pelo reino; não com título de defensor da pátria, como alguns queriam, senão de rei; e que êste rei se havia de pôr logo em armas e levantar suas bandeiras contra Castela, a qual Castela muitos tempos havia de ter gostado e logrado o reino de Portugal. Assim o dizem claramente os versos do mesmo *Sonho*:

Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal assenta,
Já se chegam os quarenta,
Que se amenta
Por um doutor já passado.
O Rei novo é levantado,
Já dá brado,
Já assoma sua bandeira
Contra a grifa parideira
Lagomeira
Que tais pastos tem gostado.

A grifa significa Castela com muita propriedade, porque os reinos distinguem-se por suas armas, e o grifo é um animal composto de leão e águia, em que grandemente simboliza, com as águias e leões, partes tão principais do escudo das armas de Castela; e chama-se com igual energia nêste caso grifa parideira, porque, por meio de partos e casamentos, veio Castela a herdar tantos reinos e Estados como possui, que foi também o título com que entrou em Portugal.

Profetizou mais o Bandarra que o nosso rei havia de ser de casa de Infantes, que havia de ter por nome D. João, que havia de ser feliz e bem andante, e que com

suma brevidade lhe haviam de vir novas de todas as conquistas que chama terras prezadas, as quais se declarariam pelo novo rei, e de aí por diante estariam firmes por êle; como tudo se tem visto inteiramente, e sôbre a esperança de todos e do mesmo rei, o que eu lhe ouvi dizer muitas vezes. Os versos são no mesmo *Sonho*:

Saia, saia êsse Infante
Bem andante,
O seu nome é D. João.
Tire e leve o pendão
Glorioso e triunfante.
Vir-lhe-ão novas num instante
Daquelas terras prezadas,
As quais então declaradas
E afirmadas
Pelo Rei de ali em diante.

Profetizou mais, com circunstâncias prodigiosas, que nas ditas terras prezadas, ou conquistas, havia de haver naquele tempo dois Viso-Reis, o que nunca houve de antes nem depois; e que um dêles, que foi o Marquês de Montalvão, era agudo, e outro, que foi o Conde de Aveiras, era sizudo e cabeludo; e que o primeiro não havia de ser deteúdo, ou detido no govêrno, isto é que havia de ser tirado dêle; declarando mais que se havia de chamar Excelência, e que a causa de ser tirado haviam de ser suspeitas de infidelidade; mas que essa infidelidade não havia de estar no seu escudo, como verdadeiramente não esteve naquele tempo, porque êle, como diz o mesmo Bandarra, foi o instrumento da aclamação em todo o Brasil, aonde mandou ordens que fôsse El-rei D. João aclamado. Pelo contrário, que o Conde de Aveiras havia de pôr alguma dificuldade e como resistência à aclamação de El-rei no Estado da Índia, o qual Estado, com grande desejo e ímpeto, e sem os reparos

do Viso-rei o terem mão, havia de aclamar, como fez.
Dizem os versos do mesmo *Sonho*:

Não acho ser deteúdo
O agudo,
Sendo êle o instrumento;
Não acho, segundo *sento*
O *Excelento*
Ser falso no seu escudo;
Mas acho que o Lanudo
Mui sisudo
Que arrepelará o gato,
E fá-lo-á murar o rato
De seu fato,
Leixando-o todo desnudo.

Porque esta trova é a mais dificultosa do Bandarra, e a que ninguém jámais pôde dar sentido, pôsto que já fica explicada a quero comentar verso por verso para que melhor se entenda.

Não acho ser deteúdo:

Todos os que governavam as praças de Portugal nas conquistas foram deteúdos ou detidos nelas, porque os conservou El-rei nos mesmos postos; só ao Marquês de Montalvão mandou S. M., tirar por ocasião da fugida dos filhos, e do ânimo da Marquesa, e por isso diz Bandarra que não acha ser deteúdo.

O agudo:

Os que conheceram o Marquês sabem quão bem lhe quadra o nome de *agudo*, pela esperteza natural que tinha em todas suas acções e execuções, e ainda nas feições e movimentos do corpo; mas mais que tudo no inventar, traçar, negociar, introduzir-se, etc.

Sendo êle o instrumento :

Em muitas partes foi instrumento da aclamação o povo, e não os que governavam: no Brasil o Marquês de Montalvão foi o instrumento da aclamação, a qual executou com grande prudência e indústria, por haver na Baía dois terços de castelhanos e um de napolitanos, que puderam sustentar as partes de Castela, e, quando menos, causar alvorôtos.

Não acho segundo *sento* :

Note-se muito o *segundo sento* ou segundo sinto, que é falar já Bandarra com alguma dúvida na mesma fidelidade do Marquês, que neste lugar abonava. Verdadeiramente é certo que o Marquês muito tempo foi fiel; o modo com que acabou mostrou que o não fôra sempre (1).

O *Excelento* :

Chama-lhe Excelência por Marquês e Viso-Rei, sendo o único Viso-Rei e o único Marquês que governou o Brasil. Mas todas estas circunstâncias via Bandarra; e porque lhe não chama excelente senão *Excelento*? Sem dúvida para que dêste masculino tão desusado se inferisse a diferença do feminino. Como se dissera: « A fidelidade de que falo, advirtam que é do marido e não da mulher; do *Excelento*, e não da *Excelenta* »; como logo explica.

Ser falso no seu escudo :

Para estranhar Bandarra, como estranha, o ser tirado ou não ser deteúdo o Marquês, sendo êle o instrumento da

(1) Morreu em 1651, prêso no castelo de S. Jorge por suspeitas de entendimento com o govêrno de Castela.

aclamação, parece que bastava dizer que não era falso; mas acrescentou: *no seu escudo*, porque assim como viu a fidelidade do Marquês na aclamação, assim viu também a infidelidade de sua mulher e seus filhos, como se dissera: « Falso não no seu escudo; mas no de sua mulher e seus filhos sim ».

Mas acho que o Lanudo:

O Conde de Aveiras era mui cabeludo e barbaçudo, como todos vimos; tinha muitos cabelos nas sobrancelhas, nas orelhas, no nariz por dentro e por fora, e só dentro dos olhos não tinha cabelos, pôsto que lhe chegava a barba muito perto dêles; e ouvi dizer a seu sobrinho, o Conde de Unhão D. Rodrigo, que seu tio tinha pelo corpo lá como um carneiro; por isso Bandarra lhe chama lanudo.

Mui sisudo:

Só em ir segunda vez à Índia o não foi; mas no falar, no calar, no andar, no negociar, e em todas suas acções, por fora e por dentro, não há dúvida que tinha o Conde de Aveiras aquelas partes por que o mundo chama aos homens sisudos; e por tal o tinha El-rei ainda quando o não gabava.

Que arrepeará o gato
E fá-lo-á murar o rato

O gato significa o Estado da Índia, o qual, tanto que chegou a nova da aclamação a Goa, quis logo aclamar públicamente; mas o Viso-rei arrepeleu, porque foi à mão ao ímpeto do povo e dos soldados, fechando-se dentro no Paço, para considerar como sisudo o que havia de fazer em matéria tão grande: e esta foi a única detença ou mora que a aclamação teve em Goa, que se explica pelo

murar do gato ao rato, que é aquela mora ou detença em que o gato está como duvidando se arremeterá ou não.

De seu fato
Deixando-o todo desnudo :

Conclue o Bandarra contra o Conde, como desgostado dêle, que deixaria o Estado da Índia desnudo de seu fato: porque trouxe da Índia muita fazenda, a qual na Índia pròpriamente se chama fato, assim como em Itália se chama roupa; e fundado eu nesta menos aceitação do Bandarra àcêrca do Conde de Aveiras, quando El-rei o fez segunda vez Viso-Rei da Índia, disse a S. M. que me espantava muito que S. M. elegesse por Viso-Rei da Índia a um homem de quem o Bandarra dizia mal. Que não lhe podia suceder bem o efeito o mostrou (1).

Todos êstes versos que tenho referido vão continuados, e nêles descrito o successo da aclamação do Rei no Reino e nas conquistas, com todas suas circunstâncias, e logo immediatamente se segue no mesmo *Sonho primeiro*:

Não tema o turco não,
Nesta sezão,
Nem o seu grande mourismo
Que não conheceu baptismo,
Nem o crismo;
É gado de confusão, etc.

Êstes versos contêm uma circunstância admirável de profecia, porque não só profetizou e declarou Bandarra as cousas que haviam de ser, e o tempo em que haviam de ser, senão também os tempos e conjunções em que não

(1) Nomeado pela segunda vez Vice-Rei em 1652, pereceu em naufrágio, na costa de Quelimane.

naviam de ser. O principal assunto do Bandarra é a guerra que El-rei há-de fazer ao Turco, e a vitória que dêle há-de alcançar: e, porque não cuidássemos que esta empresa havia de ser logo depois da aclamação do novo Rei, advirte, e quer que advirtamos, o mesmo Bandarra que a empresa do Turco não é para o tempo da aclamação, senão para outro tempo, e para outra sezão muito depois. E por isso diz que nesta sezão bem podia o Turco estar sem temor: *Não tema o Turco não, nesta sezão, etc.*

A esta profecia negativa do Turco se ajunta outra também negativa do Papa, o qual Papa supõe Bandarra que não há-de reconhecer a El-rei senão depois que o Turco entrar pelas terras da Igreja, e assim o declaram os versos do *Sonho segundo*:

O Rei novo é acordado
Já dá brado,
Já ressoa o seu pregão,
Já Levi lhe dá a mão,
Contra Sichem desmandado.

Esta copla se explica adiante; por agora basta dizer que Levi é o Papa, e Sichem o Turco, e quando Sichem se desmandar pelas terras da Igreja, então dará Levi a mão ao Rei novo, que já neste tempo será acordado: onde o que se deve muito notar é aquele — *já Levi lhe dá a mão*, na qual palavra supõe Bandarra que até então não quis o Papa dar a mão ao Rei novo, como em efeito nenhum dos três papas, Urbano, Inocência e Alexandre lhe a não quiseram dar atégora reconhecendo-o, por mais que foram requeridos pelo Rei, pelo clero, e pelos povos, com tantos géneros de embaixadas (1).

(1) Desde a aclamação de D. João IV até 1663 se fizeram diligên-

Por muitas vezes disse eu a El-rei, e principalmente quando me mandou a Roma, que o Papa não havia de dar bispos, e, quando vinham novas que já os dava ou queria dar, sempre me ri disso, assim em Portugal como no Maranhão, de que são testemunhas todos os que me ouviram dizer por galantaria, muitas vezes, que os bispos não no-los havia de dar o Papa senão o Turco.

O ser rei o Infante D. Afonso, nosso Senhor e o ser Governador das nossas armas Joane Mendes de Vasconcelos, também é profecia do Bandarra. Do Infante disse:

Vejo subir um Infante
No alto de todo o lenho.

Todos cuidavam, e esperavam por natural consequência, que o Príncipe D. Teodósio, que está no céu, era o que havia de suceder a El-rei seu pai, e que, nas voltas que desse esta que o Bandarra chama roda triunfante, havia êle de ser o que subisse no alto de todo o lenho; mas veio a ser o Infante D. Afonso que Deus guarde, porque assim estava escrito. Muitas vezes me ouviu dizer El-rei e V. S.^a, do mesmo Príncipe, que dêle não falava palavra o Bandarra; e de Joane Mendes disse:

Vejo subir um Fronteiro
Do Reino de trás da serra,
Desejoso de pôr guerra
Esforçado cavaleiro.

Já escrevi a V. S.^a que, quando se soube no Maranhão que o castelhano estava sôbre Olivença, e que o Conde de

cias em Roma, para que reconhecesse o Pontífice a independência do Reino, e confirmasse as nomeações para as dioceses vacantes, o que só na regência de D. Pedro se conseguiu.

S. Lourenço governava as armas, disse eu, diante de muitas pessoas eclesiásticas e seculares, que o que havia de fazer as facções era Joane Mendes de Vasconcelos, fundando-o nesta mesma copla, e interpretando ser êle o Fronteiro de trás a serra, porque o era naquele tempo de Trás-os-Montes. Todo êste papel, na mesma formalidade em que aqui vai lançado, o escrevi em últimos de Abril dêste ano, como se verá pela primeira via dêle, que logo então mandei pelo Maranhão. Agora ouvi que Joane Mendes de Vasconcelos está não só retirado da guerra, mas prêso(1), com que parece errou minha conjecturá na explicação ou na applicação dêstes versos.

Fácilmente concederei êste êrro, e admitirei que fale o Bandarra de outro Fronteiro que será de Trás-os-Montes, ou do que nos dizem que é hoje o Conde de S. João, de cujo esforço e cavalarias chega por cá tão honrada fama que bem lhe quadra o nome de esforçado cavaleiro. Mas se houver quem queira persistir no primeiro sentido que démos aos versos, poderá tirar dêles mesmos a solução, e dizer o que eu dizia antes de cá se saber a retirada do sítio de Badajós. Dizia eu, de que tenho muitas testemunhas, que, quando se não conseguisse a entrada da praça, nem por isso ficava desteita a applicação e acomodação dos versos, antes então ficavam melhor construídos; porque as palavras — *desejoso de pôr guerra* — não significam efeitos senão desejos, antes em certo modo parece profetizavam que a empresa pararia só em desejos, pôsto que tão galhardamente manifestados. Onde também se deve notar a

(1) Joane Mendes de Vasconcelos, Mestre de Campo General e Governador das armas do Alentejo, foi prêso, após o sítio de Badajós, em 1658, que teve de levantar, e argüido de conluio com os castelhanos, mas exonerado de culpa em seguida ao inquérito.

frase — *de pôr guerra* —, que é própria de sitiar praças, e não de vencer exércitos. E quanto à copla que se segue depois desta, falando do mesmo sujeito:

Êste será o primeiro
Que há-de pôr o pendão
Na cabeça do dragão,
Derrubá-lo-á por inteiro,

é uma profecia e promessa do futuro, a que tanto se pode caminhar do castelo de Lisboa como de qualquer outra parte, porque fala manifestamente da guerra do Turco, como adiante se verá mais claro. E diz Bandarra que aquele mesmo Fronteiro, que êle viu sair do Reino de trás da serra, será o que há-de pôr o pendão na cabeça do Turco, que é Constantinopla, e que inteiramente o há-de derrubar e vencer, seja quem fôr.

Isto é o que digo, e isto o que me parece, protestando que assim nêstes versos, como em todos de Bandarra, não é minha tenção tirar a ninguém o direito que quiser ter nêles, e muito menos dá-lo a outrem, que é o que no nosso reino mais se sente.

Tudo o que fica dito são as cousas em que atégora mais palpavelmente temos visto cumpridas as profecias do Bandarra, as quais profecias já cumpridas, se bem se distinguirem e contarem, achar-se-á que são mais de cincoenta, afora infinitas outras cousas que delas dependem, e com elas se envolvem. E todas conheceu e anteviu Bandarra, com tanta individuação de tempos, lugares, nomes, pessoas, feições, modos e todas as outras circunstâncias mínimas, que bem parece as via com lume mais claro que o dos mesmos olhos que depois as viram; e como todos êstes sucessos eram totalmente contingentes, e dependentes da liberdade humana, e de tantas liberdades quantas eram os

homens, repúblicas, governadores, cidades e Estados de todo o Reino e suas conquistas, bem se colhe que por nenhuma sciência, nem humana, nem diabólica, nem angélica, podia conjecturar Bandarra a mínima parte do que disse, quanto mais afirmá-lo com tanta certeza, escrevê-lo com tanta verdade, e individuá-lo com tanta miúdeza, que é o de que se êle preza no prólogo da sua obra, quando diz:— *Coso miúdo sem conto* (1). Foi logo lume sobrenatural, profético e divino, o que alumiou o entendimento dêste homem idiota e humilde, para que as maravilhas de Deus, que nestes últimos tempos havia de ver o mundo em Portugal, tivessem também aquela preeminência de todos os grandes mistérios divinos, que é serem muito de antes profetizados.

Bem vejo que haverá quem duvide alguma das explicações que dou aos textos referidos, pôsto que tão claras e tão correntes, mas para o intento que pretendo provar, que é o espírito profético do Bandarra, bastam aquelas que todos confessam, e que não admitem dúvida alguma, que é grande parte das referidas.

E se não pergunto: Quem disse a Bandarra, no tempo de El-rei D. João o III, que havia de faltar sucessor a Portugal, e que havia de vir a coroa a rei estranho? Quem lhe disse que a Grifa parideira, ou que Castela, por um parto, que foi Filipe II, filho da Infanta Imperatriz D. Isabel, havia de lograr Portugal? Quem lhe disse que o tempo desejado da redenção dêste cativo havia de ser no ano de quarenta? Quem lhe disse que o restaurador havia

(1) Por metáfora tomada do seu ofício, como em todo o prólogo, nesta copla:

Coso com linho asedado
Encerado a cada ponto;
Coso miúdo sem conto,
Que assim o quere o calçado.

de ser rei novo e levantado? Quem lhe disse que êste rei se havia de chamar D. João, e que havia de ser feliz e descendente de Infantes? Quem lhe disse que o haviam de reconhecer e aceitar logo as conquistas, e que essas de aí por diante haviam de estar firmes, sem nenhuma vacilar nem retroceder? Quem lhe disse que uma dessas conquistas havia de ser naquele tempo governada por um homem muito sizudo e muito cabeludo, e que o que governasse noutra se havia de chamar Excelência, e que era agudo, e que sendo instrumento da aclamação havia de ser tirado do cargo por suspeitas da infidelidade, e que essa infidelidade não havia de estar no seu escudo? Finalmente, quem lhe disse que o Papa não havia de aceitar êste rei, e que lhe havia de suceder na coroa um Infante, e não o Príncipe seu primogénito? É certo que só Deus podia dizer e revelar ao Bandarra todos êstes futuros e qualquer dêles, e com a mesma certeza se deve ter e afirmar que foi o Bandarra verdadeiro profeta.

Resta agora ver se profetizou Bandarra alguma cousa de El-rei D. João que ainda não esteja cumprida, que é o segundo fundamento da nossa consequência.

PROVA-SE A SEGUNDA PROPOSIÇÃO DO SILOGISMO

As cousas que o Bandarra profetizou de El-rei D. João, que êle ainda não obrou e há-de obrar, são tão grandes, tão extraordinárias e tão prodigiosas que, como se as passadas não tiveram nada de admiração, começa com êste prólogo a narração delas o seu profeta no *Sonho segundo*:

Oh! quem pudera dizer
Os sonhos que homem sonha!
Mas hei mêdo que ponha
Grã vergonha
De me os não quererem crer.

Isto mesmo, senhor Bispo, é profecia do que hoje vemos: há-de estar Bandarra corrido e envergonhado na opinião de muitos, até que os feitos maravilhosos de El-rei D. João o IV, nosso Senhor, conquistem aos versos do seu profeta a fé, que já a primeira parte dêles nos tem bem merecida.

Diz Bandarra primeiramente que sairá El-rei à conquista da Casa Santa, para se fazer senhor dela, deixando o Reino totalmente despejado, porque há-de levar consigo tudo o que nêle houver de homens que possam tomar armas. Assim começa o princípio do diálogo dos Bailos:

Vejo, vejo, direi vejo,
Agora que estou sonhando,
Semente de El-rei Fernando
Fazer um grande despejo,
E sair com grão desejo,
E deixar a sua vinha,
E dizer: «Esta casa é minha,
Agora que cá me vejo».

Chama a El-rei semente de El-rei Fernando, porque El rei D. João o IV é quarto neto de El-rei Fernando o Católico, tão conhecido e celebrado rei naquele tempo. E que esta saída seja para Jerusalém, e esta casa de que fala seja a Casa Santa, de tudo o que se segue se verá claramente.

Diz mais Bandarra que esta jornada será por mar, e que o efeito dela será tomar El-rei ao Turco com grande facilidade e quási sem resistência. — *Sonho segundo:*

Vi um grão leão correr,
E fazer sua viagem,
E tomar o porco selvagem
Na passagem,
Sem nada lhe o defender.

Porco selvagem, é o Turco, como declara o mesmo Bandarra em muitos lugares. No *Sonho terceiro* fala do mesmo porco selvagem e da mesma viagem; e diz assim:

Já o leão vai bradando,
E desejando
Correr o porco selvagem,
E tomá-lo-á na passagem,
Boa viagem
Assim o vai declarando.

E no mesmo *Sonho terceiro*:

Êste Rei de grão primor
Com furor
Passará o mar salgado,
Em um cavalo enfreado
E não selado,
Com gente de grão valor.
Êste diz que socorrerá
E tirará
Aos que estão em tristura.
Dêste conta a escritura
Que se apura
Que o campo despejará.

As gentes de que aqui fala, que diz estarão em tristura, e serão socorridos por El-rei, são os povos de Itália, que estarão oprimidos pelas armas do Turco, que nêles fará grandes crueldades, como claramente descreve o Salutivo (1), e o mesmo Bandarra no diálogo dos Bailos, onde começa por Veneza, que será, ou já é, a primeira que

(1) Frei Bartolomeu de Salúcio, conhecido por Salutivo, autor verdadeiro ou supôsto de profecias sôbre incursões dos turcos em Itália.

padecerá as invasões do Turco, e que gastará nesta guerra seus tesouros:

Também os venezianos
Com as riquezas que têm,
Virá o Rei de Salém,
Julgálos-á por mundanos.

Chama Rei de Salém ao Turco porque o Turco é hoje senhor de Jerusalém, que na Escritura se chama também Salém; e, continuando a descrever as crueldades que fará o Turco em Itália, diz após os versos acima:

Já os lobos são entrados
De alcateia nas montanhas,
Os gados têm esfolados,
E muitos alobegados,
Fazendo grande façanha:
O pastor mór se assanha,
E junta seus ovelheiros,
Esperta sua companha,
Socorre os seus pegureiros.

O pastor mór é o Papa, que vendo Itália e ainda Roma neste apêrto, chamará os Príncipes cristãos, que são seus ovelheiros, ou os senhores de suas ovelhas, e espertará sua companha, que são os católicos: e note-se a palavra — *esperta sua companha* —, porque verdadeiramente parece que os Príncipes cristãos estão dormindo, pois havendo tantos anos que o Turco está fazendo guerra à cristandade em Itália, êles estão tão divertidos como se dormiram. A êstes brados do Pontífice acudirão os Príncipes cristãos, e entre êles o famoso Rei de Portugal, como repete e declara o mesmo Bandarra no *Sonho primeiro*, profetizando

juntamente a ruína do Império otomano, o fim da lei de Mafoma e destruição da Casa de Meca :

A lua dará grã baixa,
Segundo o que se vê nela,
E assim os que têm com ela
Porque se lhe acaba a taxa.
Abrir-se-á aquela caixa
Que atégora foi cerrada,
E entregar-se-á forçada
Envolta na sua faixa.

E declarando quem será o autor o instrumento de tudo,
continua:

Um grão leão se erguerá,
E dará grandes bramidos;
Seus brados serão ouvidos
A todos assombrará;
Correrá e morderá,
E fará mui grandes danos,
E nos reinos africanos
A todos sujeitará:

Entrará mui esforçado,
Será de toda a maneira;
De cavalos de madeira
Se verá o mar coalhado,
Passará e dará brado:
Na terra da promessa,
Prenderá o velho cão
Que anda mui desmandado.

De aqui se fica bem entendendo que a passagem é aquela onde diz o Bandarra que o leão há-de tomar o porco selvagem, e é sem dúvida aquela parte do mar que há entre Itália e Constantinopla, que vem a ser a bôca do mar Adriático em o Arquipelago. De sorte que o Turco,

obrigado das armas cristãs, há-de fugir e retirar-se de Itália para suas terras, e nesta retirada ou passagem há-de ser tomado; cousa que não se representará dificultosa, senão muito fácil, a quem tiver conhecimento do sítio, porque como todo aquele mar é um bosque de ilhas, aqui lhe podem armar ciladas, ou por melhor dizer aqui lhe as hão-de armar, porque assim o diz o mesmo Bandarra no mesmo Bailo:

Depois já de apercebidos,
E as montanhas salteadas
Por homens muito sabidos,
Pastores mui escolhidos,
Que sabem bem as malhadas,
Pôr-lhe-ão nas encruzilhadas
Trampas, cepos de azeiros,
Atalaias nas estradas,
E bestas nas ameijoadas
Com tiros muito ligeiros.

Não só há-de fazer isto El-rei por meio de seu exército, mas diz Bandarra que por sua pessoa há-de ferir ao Turco.
— *Sonho primeiro:*

Já o leão é esperto
Mui alerta,
Já acordou, anda caminho,
Tirárá cedo do ninho
O porco; e é mui certo
Fugirá pelo deserto
Do leão e seu bramido;
Demonstra que vai ferido
Dêsse bom rei encoberto.

E pôsto que o Turco assim ferido se há-de retirar, depois

desta retirada diz Bandarra que êle mesmo se há-de vir entregar e sujeitar a El-rei. — Diálogo dos Bailos:

Ó senhor, tomai prazer,
Que o grão porco selvagem
Se vem já de seu querer
Meter em vosso poder,
Com seus portos e passagem.

.. Note-se o verso — *com seus portos e passagem* —, de que se confirma bem que a passagem de que fala acima é o mar e ilhas entre Itália e Constantinopla.

.. Diz mais Bandarra que, entregue o Turco, se repartirão as suas terras entre os Príncipes cristãos que fôrem a esta guerra, e que a El-rei caberá Constantinopla. No mesmo diálogo dos Bailos:

Tanja-se a gaita maior,
Junte-se todo o rebanho,
Eu com o vosso pastor
Com mui grã soma de amor
Vamos a partir o ganho.
Tudo nos é sofranganho,
Montes, vales, e pastores;
Descansai, ó bailadores,
Que não entre aqui estranho.

E logo abaixo:

Sus! Antes de mais extremos
Baile Fernando e Constança,
E pois que já tudo vemos,
Pelo bem que lhe queremos
Seja êle o mestre da dança.

Constança significa Constantinopla, e Fernando significa El-rei: e bailar êle com Constança e ser mestre da dança,

bem se vê que quer dizer que será Constantinopla sua, e que terá nesta repartição o maior lugar de todos. Não faça porém dúvida o nome de Fernando, porque os nomes das figuras dêste diálogo são nomes supostos e não os próprios. E assim como as pessoas, que formam o mesmo diálogo, se chamam Pedro, João, André, Garcia etc. (1), não sendo êsses os nomes dos Príncipes que hão-de ir à conquista de Jerusalém, porque não costumam ser tais os nomes dos Príncipes estrangeiros, assim o nome de Fernando não é próprio do Rei, senão suposto.

E se houver quem queira insistir, sem razão, em que êste seja o nome próprio do rei conquistador da Terra Santa, facilmente se pode dizer que El-rei em sua ressurreição, ou em sua assunção ao Império, tomará o nome de Fernando; e se assim fôr diremos que deixou Santo António o nome de Fernando em S. Vicente de Fora, para que El-rei D. João o tomasse. E nesta mudança ou acrescentamento de nome (que bem pode El-rei acrescentar o nome de Fernando ao nome de João) se verificaria também aquella tradição que diz que *o Encoberto terá o nome de ferro* (2); porque nas partes de Levante, onde há-de ser esta empresa, Fernando chama-se Ferrante, como Jacob, Jaques. Tam-

(1) Texto das *Coplas* a que alude Vieira:

Virá o grande pastor
E se erguerá primeiro,
E Fernando tangedor,
E Pedro bom bailador,
E João bom ovelheiro.
E depois um estrangeiro
E Rodeão que esquecia,
E o nobre pastor Garcia
E André mui verdadeiro.

(2) Nas profecias atribuídas a Santo Isidoro de Sevilha: *El Encubierto tendrá en su nombre letra de hierro.*

bém se pode dizer que, assim como Bandarra chamou Infante a El-rei por ser neto do Infante D. Duarte, assim lhe chamará também Fernando por ser semente de El-rei Fernando, como acima tem dito. Mas sem recorrer a nada disto, o mais fácil e natural é dizer que o nome de Fernando neste diálogo é suposto, e não próprio como os demais.

Feito pois El-rei senhor de Constantinopla, diz Bandarra * que será eleito Imperador, com eleição justa e não subordinada:

Serão os reis concordantes,
Quatro serão, e não mais,
Todos quatro principais
De Poente até Levante;
Os outros reis mui contentes
De o verem Imperador,
E havido por grão senhor
Não por dádivas, nem presentes.

Êstes reis são quatro, que se acharão na guerra contra o Turco, os quais reis, reconhecendo que a El-rei D. João se deve toda a vitória, lhe darão em prémio dela a coroa imperial. E feito El-rei Imperador de Constantinopla, diz Bandarra com grande propriedade que ficará havido por grão senhor, porque o Turco nas suas terras intitula-se Grão Senhor, e o mesmo nome lhe dão em Itália.

E que a El-rei se haja de dever toda a vitória, o mesmo Bandarra o disse no *Sonho segundo*:

De quatro reis, o segundo
Levará toda a vitória.

Chamar-se El-rei o segundo nesta ocasião, bem poderia ser por ter tomado o nome de Fernando, porque então seria Fernando o segundo. Mas pode-se chamar segundo,

porque os reis de Portugal verdadeiramente têm o segundo lugar entre os reis cristãos, sendo o primeiro indecisamente de França ou Espanha, que ainda o pleiteiam diante do Pontífice, o qual nunca o quis decidir. Também pode ser segundo por ter o segundo lugar nesta empresa, como general do mar que há-de ser, tendo o primeiro o rei que fôr general da terra. Emfim, poder-se-á chamar segundo por outro qualquer acidente, que o tempo interpretará mais facilmente do que nós agora podemos adivinhar.

Coroado por Imperador, diz Bandarra que voltará El-rei vitorioso com dois pendões, que devem ser o de Rei de Portugal e de Imperador de Constantinopla:

De perdões e orações
Irá fortemente armado,
Dará nêle Santiago.
Na volta que faz depois
Entrará com dois pendões,
Entre porcos sedeúdos
Com fortes braços e escudos
De seus nobres infanções.

Êstes porcos sedeúdos, com que entrará El-rei, serão os baxás e capitães dos turcos, e os levará diante de si no seu triunfo quando voltar.

Finalmente, diz Bandarra que o mesmo Rei há-de introduzir ao Sumo Pontífice as dez tribus(1) de Israel, que naquele tempo hão-de sair e aparecer no mundo com pasmo de todo êle. No princípio do *Sonho primeiro* introduz Bandarra a dois hebreus, um chamado Dan, e outro chamado Efraim, os quais vêm para falar ao Pastor mór, que é o Sumo Pontífice, e para serem introduzidos

(1) *Os dez tribus*, no original, e assim sempre, porque a palavra só no português moderno trocou o género.

a êle pedem a entrada a Fernando, que já dissémos representa a El-rei, e dizem assim por modo de diálogo:

Efraim

Dizei, senhor, poderemos
Ao grão pastor falar?
E de aqui lhe prometemos
Ricas joias que trazemos,
Se no-las quizer tomar.

Fernando

Judeus que lhe haveis de dar?

Dan

Dar-lhe-emos grande tesouro,
Muita prata, muito ouro,
Que trazemos de além mar;
Far-me-eis grande mercê
De me dârdes vista dêle.

Fernando

Entraí, judeus, se quereis,
Bem podeis falar com êle,
Que lá dentro o achareis.

Não declara o Bandarra o lugar em que isto há-de succeder, se em Jerusalém ou em Roma, quando lá fôr El-rei, ou se em Portugal, quando as tribus vierem. Mas em qualquer parte que suceda será esta uma das grandes maravilhas, ou a maior das maiores que nunca se viu nem ouviu no mundo. Assim o pondera o mesmo Bandarra, em uma das suas respostas em que torna a profetizar êste aparecimento das tribus:

Antes destas cousas serem
Desta era que dizemos,
Mui grandes cousas veremos,
Quais não viram os que vivêrem,
Nem vimos, nem ouviremos:

Saírá o prisioneiro
Da nova gente que vem
Dessa tribo de Rubem,
Filho de Jacob primeiro
Com tudo o mais que tem.

Mas onde o Bandarra trata por inteiro esta grande matéria é no seu *Sonho terceiro*, o qual todo gasta na descrição e narração portentosa da vinda e aparecimento desta gente, e com estilo em partes muito mais levantado do que costuma. Representando pois que sonhava, diz assim Bandarra:

Sonhava com grão prazer,
Que os mortos ressuscitavam,
E que todos se juntavam
E tornavam a renascer.

E que vinham os que estão
Trás os rios escondidos,
Sonhava que eram saídos
Fora daquela prisão.

O profeta Ezequiel, no capítulo 37.º, falando à letra desta mesma restituição das dez tribus, como se vê claramente dos três capítulos seguintes, chama a esta restituição ressurreição; porque êstes povos atégora estavam neste mundo como enterrados e sepultados, porque ninguém sabia dêles; e, seguindo Bandarra esta mesma frase de Ezequiel, diz que sonhava com grande prazer que os mortos ressuscitavam, e assim o declara e explica logo, dizendo que sonhava que eram saídos de sua prisão os que estão escondidos trás os rios, porque as dez tribus quando desapareceram passaram da outra banda do rio Eufrates, e de então para cá nunca mais se soube delas.

Vai por diante Bandarra, e descrevendo em particular como vinha, ou como virá cada uma das tribus, diz:

Vi a tribo de Dão
Com os dentes arreganhados,
E muitos espedaçados
Da serpente do dragão.

E também vi a Rubem
Com grã voz de muita gente,
O qual vinha mui contente
Cantando Jerusalém.

Oh! quem visse já Belém,
E êsse monte de Sião,
E visse o rio Jordão
Para se lavar mui bem!

E assim vi Simeão,
Que cercava todas as partes
Com bandeiras e estandartes,
Neptalim e Zabulão.

Gad vinha por capitão
Dêsta gente que vos falo,
Todos vinham a cavallo,
Sem haver nenhum peão.

Notem os doutos que entre êstes capitães ou cabeças das tribus, não se nomeia a tribo de Judá, nem a de Levi, nem a de Benjamim, sendo as duas primeiras uma a real, outra a sacerdotal, porque estas três tribus são as que ficaram. As propriedades com que as descreve Bandarra não me detenho em as comentar, porque seria cousa larga e fora do meu intento; pela maior parte são tiradas da dignidade das pessoas, da etimologia dos nomes, e das bênçãos que Jacob deitou a êstes seus filhos; só advirto que o dizer Bandarra que — *vinham todos a cavallo sem haver nenhum peão* — é tirado do profeta Isaías no capítulo 66.º, onde diz estas

palavras: *Et adducent omnes fratres vestros de cunctis gentibus donum Domino in equis, et in quadrigis, et in lecticis, et in mulis, et in carrucis, ad montem sanctum meum Jerusalem, dicit Dominus.* E no mesmo capítulo, um pouco antes, espantado o Profeta do mesmo prodígio inaudito que ia escrevendo, faz esta admiração: *Quis audivit unquam tale, et quis vidit huic simile? Nunquid parturiet terra in die una, aut parietur gens simul? Quia parturivit et peperit Sion filios suos!* «Quem viu nem ouviu jámais cousa semelhante? — diz o Profeta —. Por ventura parirá a terra em um dia, ou nascerá uma nação inteira? Pois assim parirá Sião, e assim lhe nascerão os seus filhos!» As alegrias dêste parto serão de Portugal, as dores também há quem diga de quem serão.

Continua Bandarra com a entrada dos seus romeiros, e introduz que do meio daquela companhia saiu um velho honrado a falar com êle, o qual lhe perguntou, entre outras cousas, se era por ventura hebreu dos que êles vinham buscar; e diz Bandarra que lhe responderam assim:

Tudo o que perguntais,
Respondi assim dormente,
Senhor, não sou dessa gente
Nem conheço êsses tais;
Mas segundo os sinais
Vós sois do povo serrado,
Que Deus pôs por seu mandado
Nessas partes orientais:

Muitos estão desejando
Serem os povos juntados,
Mas outros mui avisados
O estão arreceando:
Arreceiam vir no bando
Êsse gigante Golias,
Mas por ver Enoch e Elias
De outra parte estão folgando.

O gigante Goliath significa aqui o Anti-Cristo, e diz Bandarra, como tão grande intérprete das Escrituras, que há muitos, que se têm por sábios, que receiam a vinda das dez tribus e a conversão dos judeus, porque têm para si que quando isto fôr já é chegado o fim do mundo, e que já estamos no tempo do Anti-Cristo, sendo que entre uma e outra cousa se hão-de passar muitos centos de anos, como consta das mesmas Escrituras, nas quais diz Bandarra, e diz bem, que viu o seu sonho afigurado, e que achou muitas figuras ou pinturas d'êle. E verdadeiramente que é assim, que esta restituição do povo hebreu à sua pátria, por meio do conhecimento de Cristo, é a cousa mais freqüente e mais repetida nos profetas de quantas êles escreveram. Ouçamos o Bandarra depois de o velho lhe perguntar se cria em um só Deus:

Eu quiseralhe responder,
E tocar-lhe em a lei,
Porém nisto acordei
E tomei grande prazer.

E depois de acordado
Fui a ver as Escrituras,
E achei muitas pinturas,
E o sonho afigurado;
Em Esdras o vi pintado,
E também em Isaiás,
Que nos mostra nêstes dias
Sair o povo serrado;

O qual logo fui buscar
Gog, Magog e Ezequiel;
As Endomadas (1) de Daniel
Comecei de as olhar.

O mesmo podem fazer os curiosos, e terão muito que

(1) Hebdómadas ?

olhar e que ver e que admirar, principalmente nos três primeiros capítulos de Ezequiel que acima deixo citados. Eu só digo, por remate desta matéria das dez tribus, que também elas se hão-de sujeitar às invictas quinas de Portugal, e receber por seu Rei ao nosso grande monarca. E assim o diz o mesmo Bandarra nas trovas ante os *Sonhos*:

Portugal tem a bandeira
Com cinco quinas no meio,
E segundo ouço e creio
Êle é a cabeceira;
Tem das chagas a cimeira
Que em Calvário lhe foi dada,
E será rei da manada
Que vem de longa carreira.

A vitória dos turcos, e redução dos judeus, se seguirá também à extirpação das heresias por meio dêste glorioso príncipe. Bandarra nas trovas do fim:

Vejo erguer um grão rei
Todo bemaventurado,
E será tão prosperado
Que defenderá a grei;
Êste guardará a lei
De todas as heresias,
Derrubará as fantasias
Dos que guardam o que não sei.

E mais abaixo, resumindo tudo:

Todos terão um amor,
Assim gentios pagãos
Como judeus e cristãos,
Sem jámais haver error,
Servirão a um só Senhor,
Jesú Cristo que nomeio;
Tòdos crerão que já veio
O ungido Salvador.

A êste universal conhecimento de Cristo, diz Bandarra que sucederá, por coroa de tudo, a paz universal do mundo, tão cantada e prometida por todos os profetas, debaixo de um só pastor e de um só monarca, que será o nosso felicissimo Rei, instrumento de Deus para todos êstes fins de sua glória. Bandarra no *Sonho segundo*:

Tirárá toda a escória,
Será paz em todo o mundo,
De quatro reis o segundo
Haverá toda a vitória.
Será dêle tal memória.
Por ser guardador da lei,
Pelas armas dêste Rei
Lhe darão triunfo e glória.

Porque todo êste triunfo e toda esta glória será de Cristo e suas chagas, que são as armas do Rei. E note-se muito que de nenhuma cousa faz Bandarra tão freqüente menção como destas chagas de Cristo, e destas armas de Portugal, a cuja virtude attribue sempre as maravilhas que escreve, para que não venha ao pensamento de algum rei da Europa, ou do mundo, cuidar que pode êle ser o sujeito destas profecias. Assim que, resumindo tudo o que fica dito, e deixando outras cousas futuras e ainda não cumpridas, que Bandarra profetizou de El-rei D. João, as principais e de maior vulto são sete: 1.^a Que sairá do Reino com todo o poder dêle, e navegará a Jerusalém. 2.^a Que desbaratará o Turco na passagem de Itália a Constantinopla. 3.^a Que o ferirá por sua própria mão, e que êle se lhe virá entregar. 4.^a Que ficará senhor da cidade e Império de Constantinopla, de que será coroado por Imperador. 5.^a Que tornará com dois pendões vitoriosos a seu reino. 6.^a Que introduzirá ao Pontífice e à fé de Cristo as dez tribus de Israel prodigiosamente apare-

cidas. 7.^a Que será instrumento da conversão e paz universal de todo o mundo, que é o último fim para que Deus o escolheu. E faltando a El-rei D. João por obrar todas estas cousas, e sendo certo que as há-de obrar, pois assim está profetizado, bem assentado parece que fica êste segundo fundamento de nossa consequência.

Mas — perguntar-me-há com razão V. S.^a — e de onde provo eu que êste Rei de que fala Bandarra é El-rei D. João o IV? Digo que o provo com o mesmo Bandarra, em dois lugares para comigo evidentes. O primeiro nas trovas de ante os *Sonhos* diz assim:

Êste Rei mui excelente,
Com quem tomei minha teima,
Não é de casta goleima,
Mas de reis primo e parente;
Vem de mui alta semente,
De todos quatro costados,
Todos reis de primos grados
De Levante até Poente.

De maneira que diz Bandarra que o assunto e o tema ou teima das suas profecias é um só rei: — *Êste rei mui excelente com quem tomei minha teima* —; e de aqui se segue, eficás e evidentemente, que o assunto e o tema das ditas profecias é El-rei D. João o IV, porque é cousa certa, e vista pelos olhos de todos, que em El-rei D. João o IV se cumpriram todas as profecias passadas, como fica mostrado na primeira proposição dêste silogismo: logo, se o assunto das profecias do Bandarra é um só rei, e El-rei D. João consta que foi o assunto das passadas, bem se segue que êle é também o assunto das futuras; porque, se as profecias passadas se cumpriram em El-rei D. João, e as futuras se houvessem de cumprir em outro, seguia-se que o tema e o assunto do Bandarra não era um só rei, senão dois.

Poderá dizer alguém que êste rei de que fala Bandarra não é nenhum Rei particular, senão o Rei de Portugal em comum; e que ainda que estas profecias se verifiquem parte em um Rei parte em outro, sempre se verificam no Rei de Portugal. Não faltou quem isto dissêsse ou cuidasse, mas quis Deus que se explicasse o mesmo Bandarra, o qual nesta mesma trova declara que não fala de Rei de Portugal em comum, senão de tal Rei em particular; de tal pessoa, de tal indivíduo, filho de tais pais, e de tais avós, e de tal descendência, como aqui descreve.

Diz que não é êste Rei de casta goleima, porque El-rei D. João não é descendente da casa de Áustria; e chama à casa de Áustria casta goleima, porque aos que comem muito chama o vulgo goleimas, e os príncipes da casa de Áustria, como todos os alemães, são notados de muito comer. Diz mais que é êste Rei primo e parente de reis, a qual propriedade admiravelmente está demonstrando a pessoa de El-rei D. João, porque toda a maior nobreza que Bandarra podia dar a El-rei D. João era ser primo e parente de reis; porque El-rei D. João não era filho nem neto de reis, como são os outros reis, senão somente primo e parente de reis: é primo de El-rei de Castela, primo de El-rei de França, primo do Imperador, e parente dos mais reis de Europa. Mas pôsto que não é filho de reis, diz Bandarra que vem de semente mui alta de todos quatro costados: que é o Infante D. Duarte filho de El-rei D. Manuel e da Rainha D. Maria, filha dos Reis Católicos, e por êstes dois avós vem El-rei a ser descendente dos maiores reis de Levante e Poente que então havia, porque vem a ser descendente dos reis de Portugal, Castela e Aragão, que eram os maiores reis de Poente, e dos reis de Nápoles e Sicília, que eram os maiores reis de Levante.

Sendo logo certo que Bandarra nas suas profecias fala

de um tal Rei em particular, de uma tal pessoa e de um tal indivíduo, e sendo também certo que êste Rei, esta pessoa e êste indivíduo é El-rei D. João o IV, como se prova pelas qualidades pessoais, e pelos sinais individuantes com que o mesmo Bandarra descreve a êste Rei; segue-se, por infalível consequência, que assim como dêste Rei se entenderam as profecias do que passou, assim dêle se entendem também as profecias do que está por vir. E nesta conformidade chamou Bandarra com muita galantaria ao seu assunto *teima* e não *tema*, porque, se depois de tratar de um Rei deixara êsse e tratara de outro, não fôra isso teimar com um, como êle diz: — *Êste Rei mui excelente, com quem tomei minha teima*. Verdadeiramente, depois de El-rei estar morto e sepultado, dizer ainda que há-de ir a Jerusalém conquistar o Turco parece demasiado teimar, mas essa é a teima do Bandarra.

O segundo lugar ainda em certo modo é mais expresso e claro, porque-fala de El-rei D. João nomeando-o por seu próprio nome. Vai tratando o Bandarra das armas de Portugal e chagas de Cristo, e depois de as antepôr às armas de todos os reinos, diz assim no *Sonho primeiro*:

As armas e o pendão,
E o guião,
Foram dadas por memória
Da vitória
A um Rei santo varão;
Sucedeu a El-rei João,
Em possessão
O Calvário por bandeira,
Levá-lo-á por cimeira,
Alimpará a carreira
De toda a terra do cão.

O Rei santo varão, a quem foram dadas as insígnias

da paixão de Cristo por armas, em memória da vitória, foi El-rei D. Afonso Henriques; e estas mesmas armas da paixão, a que chamam Calvário, sucederam a El-rei João em possessão, por serem sua bandeira. E que fará El-rei João com essa bandeira, com essas armas e com êsse Calvário? — *Levá-lo-á por cimeira, e alimpará a carreira de toda a terra do cão.* De sorte que El-rei D. João, que foi o segundo como fundador do reino de Portugal, restaurando-o depois de perdido, e que sucedeu a El-rei D. Afonso Henriques na possessão do Reino, e do brasão das chagas de Cristo, êsse mesmo Rei João, e não outro, será o que levará essas insígnias da paixão de Cristo por cimeira do seu elmo; êsse mesmo Rei João, e não outro, será o que alimpará a carreira da terra do cão, restaurando a Terra Santa, e desimpedindo os caminhos dela, que tem ocupado o Turco.

Todos os sucessos prometidos a êste Rei divide Bandarra em duas partes principais: a primeira contém os sucessos da aclamação em Portugal; a segunda contém os sucessos da conquista do Turco e Terra Santa. E para que se visse que uns e outros pertencem nomeadamente a El-rei D. João, quando Bandarra fala dos primeiros, no princípio do *Sonho primeiro* diz que El-rei se chama João:

O seu nome é Dom João

E quando fala dos segundos, no fim do mesmo *Sonho*, diz também que se chama João:

Sucedeu a El-rei João
Em possessão
O Calvário por bandeira;
Levá-lo-á por cimeira, etc.

E note-se a palavra *em possessão*, porque a possessão

do reino foi a em que El-rei D. João sucedeu, que quanto o direito dêle sempre o teve, como o mesmo Bandarra diz:

Louvemos êste varão
De coração,
Porque é Rei de direito.

O qual direito, afirmado e confirmado pelo Bandarra, é novo e claro sinal de ser El-rei D. João o IV o sujeito de quem falam as profecias; porque se o direito de El-rei D. João fôra direito reconhecido e recebido por todos, como é o direito de El-rei D. Sebastião e de outros reis, não tinha necessidade Bandarra de dizer que era rei de direito. Mas porque o direito de El-rei D. João é direito duvidado e pleiteado, por isso declara o Bandarra que verdadeiramente é rei de direito; e porque êste mesmo direito, pôsto que todos o confessaram com a bôca quando aclamaram a El-rei, houve porém alguns que o negaram com o coração, a êstes atira pedrada o Bandarra, quando diz: *Louvemos êste varão de coração.*

Aquelas palavras que já repetimos — *não tema o Turco não nesta sezão* — também provam que o mesmo Rei D. João, de cuja aclamação falava Bandarra, é o que há-de ir conquistar o Turco. Não diz que não tema o Turco a El-rei D. João, mas diz que o não tema nesta sezão, porque nesta sezão só havia El-rei de ser restaurador de Portugal, e na sezão que se espera é que há-de ser conquistador e destruidor do Turco, e que se há-de fazer temer dêle. O mesmo se convence claramente da combinação de dois lugares ou versos, um do *Sonho primeiro* outro do *Sonho segundo*. O verso do *Sonho primeiro* diz:

O Rei novo é levantado,

E fala da aclamação passada, do ano de quarenta, como provou o sucesso. O verso do *Sonho segundo* diz:

O Rei novo é acordado,

E fala da jornada futura e conquista do Turco, para a qual há-de acordar o Rei novo, como provam os versos que a êste se seguem:

O Rei novo é acordado,
Já dá brado,
Já ressoa o seu pregão,
Já Levi lhe dá a mão,
Contra Sichem desmandado,

que é o Turco que se há-de desmandar por Itália e terras da Igreja, de onde claramente se colhe que uma e outra profecia, assim a do passado como a do futuro, ambas se entendem de El-rei D. João; porque o que foi levantado é o Rei novo, e o que há-de ser acordado é também o Rei novo:

O Rei novo é levantado,
O Rei novo é acordado.

E não se deixe passar sem reparo o verso — *Já Levi lhe dá a mão* —, que prova o mesmo, porque aquele *já* é relativo. Quem diz — *já lhe dá a mão* — supõe que de antes não lhe a deu, ou não lhe a quis dar: logo, aquele Rei, a quem o Papa há-de dar a mão depois, é o mesmo a quem a não deu nem quis dar antes, que é El-rei D. João o IV.

Prometi provar esta gloriosa conclusão com dois lugares de Bandarra, e já a tenho provado com seis, e para encurtar argumentos, e fechar êste discurso, que é a chave de todo êste papel, com uma demonstração irrefragável, digo assim: — Aquele Rei é o que há-de conquistar e vencer o Turco etc., no qual se acham todos os sinais e diferenças indviduantes, com que Bandarra em todas suas profecias o

retrata. El-rei D. João o IV, que hoje está sepultado em S. Vicente de Fora, é aquele em que se acham pontualmente todos êstes sinais e diferenças individuantes, sem faltar nenhuma: logo, El-rei D. João o IV é o que há-de conquistar o Turco, e a quem pertencem e esperam todos os prodígios desta fatal empresa.

E que em El-rei D. João o IV se achem todos aqueles sinais e diferenças individuantes, eu o provo evidentemente com uma indução geral, em que irei discorrendo por todas.

Bandarra diz que êste Rei é semente de El-rei Fernando: e El-rei D. João é semente de El-rei Fernando, como fica dito. Bandarra diz que êste Rei é rei novo: e El-rei D. João é Rei novo, porque nunca de antes o tinha sido. Bandarra diz que êste Rei há-de ser levantado no ano de quarenta: e El-rei D. João foi levantado rei no ano de quarenta. Bandarra diz que êste Rei é feliz e bem andante: e El-rei D. João em todo seu reinado foi felicíssimo. Bandarra diz que o nome dêste Rei é D. João: e El-rei D. João, antes e depois de rei, sempre teve o mesmo nome. Bandarra diz que por êste Rei se declarariam logo as conquistas, e que estariam firmes por êle: e El-rei D. João logo foi reconhecido por Rei nas conquistas, e todas perseveram na mesma fidelidade. Bandarra diz que êste Rei levantaria suas bandeiras, e faria guerra a Castela: e El-rei D. João, em dezaseis anos que governou, sempre fez guerra aos castelhanos. Bandarra diz que êste Rei é mui excelente: e El-rei D. João teve muitas excelências, além dêle só ser Excelência em quanto Duque de Bragança. Bandarra diz que êste Rei não é de casta goleima: e El-rei D. João não é de casta goleima, como já explicámos. Bandarra diz que êste Rei é primo e parente de reis: e El-rei D. João é primo, e não mais que primo, de três reis de Europa, e parente dos demais. Bandarra diz que êste Rei vem

de mui alta semente: e El-rei D. João vem dos Reis de Portugal, cujo título é — *Mui altos e poderosos*. Bandarra diz que êste rei descende dos reis de Levante até Poente: e El-rei D. João descende dos Reis de Portugal, Castela e Aragão, que são reis do Poente, e dos Reis de Nápoles e Sicilia, que são reis de Levante. Bandarra diz que êste rei tem um irmão bom capitão e que não se sabe a irmandade: e El-rei D. João é irmão do Infante D. Duarte, tão bom capitão como sabemos, pôsto que ainda não sabemos quão seu irmão é El-rei em ser bom capitão. Bandarra diz que êste Rei ou êste monarca é das terras e comarca: e El-rei D. João é das terras da comarca, porque é natural de Vila Viçosa. Bandarra diz que êste Rei é guardador da lei, e que da justiça se preza: e El-rei D. João de nenhuma cousa se prezava mais que da justiça, e esta só deixou encomendada em seu testamento a El-rei que Deus guarde. Bandarra diz ou supõe que êste Rei até certo tempo não há-de ser recebido pelo Papa: e a El-rei D. João nenhum dos três Pontífices o recebeu até o tempo de seu falecimento. Bandarra diz ou supõe que êste Rei, nem todos o que o aclamassem com a bôca o haviam de seguir com o coração: e El-rei D. João, depois de aclamado, é certo que o não seguiram com os corações ao menos aquêles a que êle tirou as cabeças. Finalmente diz Bandarra que êste rei fez Deus todo perfeito, e que não acha nêle nenhum senão: e quem pode duvidar que depois de ressuscitado El-rei D. João, que há-de ser um varão perfeitíssimo, e que mostre bem ser feito e perfeito por Deus? quanto mais que homem sem nenhum senão não pode ser homem dêste mundo senão do outro. Da mesma maneira diz Bandarra que êste rei é um bom rei encoberto, porque em El-rei D. João tem Deus depositado em grau eminentíssimo muitas partes e qualidades de bom rei, que atégora estiveram

encobertas e depois se descobriram. Uma parte de bom rei que se desejava em El-rei D. João, para o tempo em que Deus o fez, era ser muito guerreiro e inclinado às armas; e êste espírito militar e guerreiro se descobrirá em El-rei com notáveis maravilhas na guerra contra o Turco, quando o mundo, depois de fugidos e desbaratados seus exércitos, o vir rendido aos pés de El-rei D. João, e ferido por sua própria espada. Esta é a energia com que Bandarra diz:

Demostra que vai ferido
Dêsse bom rei encoberto.

Mostrando que estava encoberta nêle esta parte que parece lhe faltava para bom rei. Oh! quanto estava encoberto naquêle sujeito de El-rei D. João! Estava El-rei D. João encoberto dentro em si mesmo; e alguns accidentes de El-rei, em que mais se reparava, era em uma cobertura e disfarce natural, com que Deus tinha encoberto nêle o que queria obrar por êle, para que sejam mais maravilhosas suas maravilhas.

Leiam agora os curiosos todas as profecias do Bandarra, assim as que contêm os sucessos já passados, como as que prometem os futuros, e em todas elas não acharão diferença individuante, nem sinal ou qualidade pessoal alguma de monarca profetizado, mais que estas que aqui temos fielmente referidas, as quais todas são tão próprias da pessoa de El-rei D. João o IV, e lhe quadram todas tão naturalmente e sem violência, que bem se está vendo que a êle tinha diante dos olhos, e não a outro, quem com côres tão vivas e tão suas o retratava. Com que fica evidentemente mostrado e demonstrado que o Senhor rei D. João o IV, que está na sepultura, é o Rei fatal de que em todas suas profecias fala Bandarra, assim nas que já se cumpriram, como nas que estão ainda por succeder. E se

êste mesmo rei D. João está hoje morto e sepultado, não é só amor e saúde, senão razão, obrigação e entendimento, crer e esperar que há-de ressuscitar. O contrário seria sermos néscios e estólidos, como Santo Agostinho chama aos que, tendo visto cumprida uma parte das profecias, não crêem a outra. Pesa-me não poder citar as palavras, que são excelentes.

Considerem os incrédulos, se ainda os há, quantos homens têm ressuscitado nêste mundo, não só cristãos mas gentios, e para fins mui ordinários. Só S. Francisco Xavier, quási em nossos dias, ressuscitou vinte cinco. Pois se Deus em todas as idades e nesta nossa ressuscitou tantos homens, e ainda gentios, para fins particulares; para um fim tão universal e tão extraordinário, e o maior que nunca teve o mundo, como é a recuperação da Terra Santa, a destruição do Turco, a conversão de toda a gentilidade e judaísmo, como não ressuscitará um homem, cristão, pio, religioso, e que sendo rei soube ser humilde, que é a qualidade que Deus mais que todas busca nos que quere fazer instrumento de suas maravilhas, sem reparar em outras imperfeições e fraquezas humanas, como se viu em David? Ressuscitará sem dúvida El-rei D. João, e a sua ressurreição será o meio mais fácil de conciliar o respeito e obediência de todas as nações de Europa, que o hão-de seguir e militar debaixo de suas bandeiras nesta empresa, o que de nenhum modo fariam, sendo tão orgulhosas e altivas, se não fôsem obrigadas dêste sinal do céu, entendendo todas que não obedecem a um Rei de Portugal, senão a um capitão de Deus.

Ma verrá da Lisbona
Chiara e illustre persona,
La cui fama risona

In tutta parte e lido
Nel mondo dá gran grido (1)

diz o Solutivo, profetizando o remédio com que Deus há-de acudir de Lisboa a Roma, destruída pelo Turco. E que grito grande é êste que então há-de soar no mundo todo, senão dizer-se que ressuscitou o Rei dos portugueses? A êste grito, ou a êste brado, como lhe chama Bandarra, acudirá o mesmo mundo todo a ver, a admirar, a venerar e a seguir o ressuscitado e milagroso Rei. E êste estupendo prodígio, visto com os olhos, será o que abrirá a porta à fé e execução de todos os outros.

Contra todo êste discurso resta só uma objecção, que a qualquer entendimento pode fazer grande pêso; e é esta: se o principal e total assunto do Bandarra, e o seu temor ou a sua teima, como êle diz, é profetizar os sucessos prodigiosos de El-rei D. João, e, entre êstes sucessos e prodígios, o que parece maior e mais incrível de todos é o haver de ressuscitar El-rei; porque não falou Bandarra nesta sua ressurreição? Respondo e digo que sim falou Bandarra, e que falou nela pelos termos mais próprios e mais ordinários com que os profetas costumam falar nesta matéria. Chamar-se a morte sono, e o ressuscitar acordar, é frase tão ordinária nos profetas que não é necessário citar lugares. David, profetizando a ressurreição de Cristo, disse em seu nome: *Ego dormivi et soporatus sum, et exurrexi*. E o mesmo Cristo, profetizando ou prometendo a ressurreição de Lázaro, usou dos mesmos termos: *Lazarus amicus noster dormit, sed vado ut a somno excitem*

(1) Assim mais ou menos: muito estropiado e confuso o trecho no original.

eum. Fala pois Bandarra da ressurreição de El-rei D. João, e diz assim no *Sonho segundo*:

Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal assenta;
Já se passam os quarenta,
Que se amenta,
Por um doutor já passado;
O Rei novo é acordado,
Já dá brado,
Já ressoa o seu pregão,
Já Levi lhe dá a mão
Contra Sichem desmandado;
E, ao que tenho lido,
E bem sabido,
A desonra de Diná
Se vingará,
Como está prometido.

Os sete versos primeiros desta copla são tão parecidos com aqueloutros sete, em que se refere a aclamação de El-rei, que em muitos exemplares se acham riscados, e em outros faltam, cuidando-se que eram os mesmos. Assim o suspeitava eu, tendo combinado alguns dos ditos exemplares, e finalmente o vim a averiguar em um cartapácio mui antigo do doutor Diogo Marchão Temudo (1), a quem comuniquei êste pensamento no ano de 1643; e para experiência tirou êle da sua livraria o cartapácio que digo, e achámos que estavam nêle ambas as coplas, e estas segundas com uma risca. Da combinação destas duas coplas, e da semelhança e diferença delas, se vê claramente como El-rei D. João há-de ter duas vidas, e sucessos mui dife-

(1) Foi Desembargador no Pôrto e do Paço, e um dos correspondentes de Vieira quando êste, em 1681, voltou à Baía.

rentes em cada uma delas. Em ambas as coplas, se diz: *já o tempo desejado é chegado*; porque havia de haver dois tempos desejados: o primeiro tempo desejado foi o da restituição do reino; o segundo tempo desejado é o em que estamos hoje, em que todos desejam e esperam Rei prodigioso, pôsto que com diferentes esperanças. A primeira copla diz: *já chegam os quarenta*; e a segunda diz: *já se passam os quarenta*; porque o termo da primeira copla havia de ser no ano de quarenta, e o termo da segunda havia de ser depois dêsse tempo passado. A primeira copla diz: *o rei novo é levantado*; a segunda diz: *o rei novo é acordado*; porque o rei novo que no ano de quarenta foi levantado, êsse mesmo rei novo depois de passado êsse tempo há-de acordar do sono em que dorme, isto é, há-de ser ressuscitado. Em ambas estas coplas diz: *já dá brado*; porque o mesmo rei novo havia de dar dois brados: um brado grande na sua aclamação, e outro brado maior na sua ressurreição; são as mesmas palavras do Solutivo: *Nel mondo dá gran grido*. A primeira copla diz: *já assoma a sua bandeira contra a grifa parideira*; e a segunda diz: *já ressoa o seu pregão, já Levi lhe dá a mão contra Sichem desmandado*; porque à aclamação do rei novo seguiram-se as guerras de Castela, e nêsse tempo não o recebeu o Papa; e à ressurreição do rei novo hão-se de seguir as guerras do Turco, e então o há-de receber o Papa, e não só lhe há-de dar o pé senão a mão.

Onde se deve notar a propriedade da história, e a aplicação de um homem idiota, que bem mostra ser guiado por espírito divino. O Príncipe Sichem, gentio, desonrou a Dina filha de Jacob, e para vingança desta afronta uniram-se os dois irmãos de Dina, Levi e Simeão, e mataram e destruíram a Sichem com todos os seus. Aplica agora Bandarra esta história passada ao sucesso futuro com

extremada acomodação, porque Sichem é o Turco, Dina a Igreja, Levi o Papa, Simeão El-rei; e assim como Levi se uniu com Simeão para desafrontar a Dina da injúria que lhe fez Sichem, assim o Papa se há-de unir com El-rei para desafrontar a Igreja das injúrias que lhe fará o Turco. A isto alude o mesmo Bandarra quando diz nas suas respostas:

Ao que minha conta soma
O texto se há-de cumprir
Primeiro, senhor, em Roma.

Primeiro há-de vir o Turco a Itália e a Roma, e então há-de ressuscitar El-rei. Em outro lugar fala o mesmo Bandarra na ressurreição do rei, debaixo da mesma metáfora de acordado, e com as mesmas circunstâncias do Turco, e diz assim nas trovas de ante os *Sonhos*:

Já o leão é desperto
Mui alerta,
Já acordou, anda caminho,
Tirárá cedo do ninho
O porco, e é mui certo.

De maneira que quando El-rei, que é o leão, despertar e ressuscitar, será depois que o porco, que é o Turco, vier fazer o ninho nas terras dos cristãos: e diz que o tirará cedo do ninho, porque a guerra será muito breve, e não como as dilatadíssimas em que se foi conquistar a Terra Santa sem efeito. E porque êste efeito e esta pressa parecia coisa dificultosa e admirável, acrescenta para que ninguém duvide: *e é mui certo*. Assim que, em dois lugares diz Bandarra que o rei novo ressuscitará debaixo da metáfora de acordar:

O rei novo é acordado,
Já o leão é desperto
Mui alerta,
Já acordou.

Em ambos êstes lugares diz que acordará e ressuscitará para ir dar guerra ao Turco e vencê-lo, e dêste efeito se colhe com evidência que acordar significa ressuscitar; porque estando o Rei novo morto, como ao presente está, não pode acordar senão ressuscitando, e havendo de ir dar guerra ao Turco não pode ir senão ressuscitado. E em outros dois lugares, da mesma clareza pôsto que também metafóricos, acho profetizado no Bandarra a ressurreição de El-rei. O ressuscitar nas Escrituras explica-se pela palavra *erguer-se*; dêste termo usou o anjo quando anunciou a ressurreição de Cristo: *Surrexit non est hic*. Do mesmo termo usou Cristo quando ressuscitou o filho da viúva: *Adolescens tibi dico surge*. E do mesmo usou David profetizando a ressurreição do mesmo Senhor: *Surge, Domine, in requiem tuam*, etc. Porque assim como jazer significa estar sepultado, por onde escrevemos nas sepulturas — *Aqui jaz Fulano*; assim levantar-se ou erguer-se significa ressuscitar; e por êste modo diz Bandarra, em dois grandes textos, que ressuscitará El-rei D. João. O primeiro texto nas trovas de ante os *Sonhos*:

Um grão leão se erguerá
E dará grandes bramidos,
Seus brados serão ouvidos,
E a todos assombrará, etc.

O segundo texto, nas trovas do fim, diz:

Vejo erguer um grão rei
Todo bemaventurado,
Que será tão prosperado,
Que defenderá a grei.

Onde se deve notar que da consequência dêstes mesmos textos se colhe claramente que em ambos significa o *erguer*

ressuscitar, porque em ambos se seguem ao *erguer* os efeitos da ressurreição de El-rei. No primeiro texto diz que — *se erguerá*, e que *assombrará a todos*; porque não pode haver cousa que mais assombre o mundo que ver a El-rei de Portugal, depois de tantos anos morto, ressuscitado. E logo continuam os versos seguintes dizendo o que há-de fazer contra o Turco, e como há-de entrar na terra da promessa etc., que é o principal fim para que Deus há-de ressuscitar a El-rei. No segundo texto, sobre dizer que — *se erguerá todo bemaventurado*, que é qualidade própria de homem ressuscitado, diz que — *se erguerá para defender a grei*, que é o rebanho de Cristo, a quem o rei ressuscitado irá acudir e defender contra os lobos, que, como fica dito pelo mesmo Bandarra, estarão espedaçando em Roma e em Itália o mesmo rebanho. Assim que, em quatro lugares conformes diz Bandarra expressamente, pelos mesmos termos com que costumam falar os profetas, e pelos mesmos com que profetizou David a ressurreição de Cristo, que El-rei D. João o IV há-de ressuscitar.

Nêste mesmo sentido falou com a mesma clareza S. Methodio (1), cujas palavras andam mui viciadas nos cartapácios dos sebastianistas, e eu as li na *Biblioteca antiga dos Santos Padres*, que está na livraria do Colégio de Santo Antão, e são desta maneira: *Expergiscetur tanquam a somno vini quem putabunt homines quasi mortuum et inutilem esse*. Fala o santo de um Príncipe que em tempos futuros há-de vencer e desbaratar o Império do Turco, e diz: «Acordará como de sono de vinho aquele que cuidavam os homens que como morto era inútil». Em dizer que acordará como de sono de vinho quer significar o valor e esforço indómito, a pressa, a resolução, a actividade

(1) Bispo de Tiro, mártir, autor de um tratado sobre a *Ressurreição*, a que provavelmente se referia Vieira.

extraordinária, com que El-rei depois de ressuscitado se applicará às armas, aos aprestos, à guerra, e sôbre tudo à execução da vingança contra os seus inimigos e os de Cristo, tal que parecerá furor. Bem assim como descreveu David a Cristo, no dia de sua ressurreição, vitorioso contra a morte e contra o inferno: *Et excitatus est tanquam dormiens Dominus, tanquam potens crapulatus a vino: et percussit inimicos suos in posteriora; opprobrium sempiternum dedit illis.* E nêste sentido, finalmente, acabará de ficar entendida a profecia tão celebrada de Santo Isidoro, que tão torcida e tão violentada anda em tantos escritos: *Erit Rex bis piedatus.* El-rei D. João o IV. já Deus no-lo deu uma vez por sua piedade, e pela mesma piedade no-lo há-de tornar a dar outra vez, e então será duas vezes piedosamente dado: uma na sua restituição ao reino, outra na sua restituição à vida; uma quando aclamado, outra quando ressuscitado. E porque não pareça que sou singular nesta interpretação do Bandarra, quero alegar nêste ponto os mesmos que, roubando-lhe as suas verdades, se acreditaram e tomaram nome de profetas com elas. O Frade Bento (1) nas suas profecias diz:

Pero viviendo verá
Quien viviere un gran leon
Muerto ressuscitará.

E o Cartucho (2) nas suas:

Veo entrar una dama
Com armas en el cõsejo,
Y que ressuscita el viejo

(1) Frei João de Rocacelsa, da Ordem de S. Bento, aragonês, de quem se contava ter mandado profecias a Granada, a Fernando o Católico.

(2) Frei Pedro de Frias, que se dizia tinha pôsto em verso as profecias de Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilla. Cf. *Jardim Ameno*, coleção ms. de vaticínios dos sebastianistas, onde se encontra o poema.

Debaxo de la campana
Con su barba larga y cana.

De modo que êstes dois autores, tão guardados nos arquivos da antiguidade moderna, ou falassem por espírito próprio, ou interpretassem, o que eu mais creio, o do Bandarra, ambos profetizaram ou entenderam que o rei fatal, cuja monarquia se espera, antes que obrasse os feitos prodigiosos por que há-de subir a ela, havia de morrer e ressuscitar primeiro.

E porque não passe sem explicação a coplã do Cartucho, que tem cousas dignas de comento, bem pode ser que seja tal o apêrto de Portugal, ou da cristandade, que obrigue ao real e varonil espírito da Rainha nossa senhora a entrar em conselho com armas. O ressuscitar El-rei *debaxo de la campana* bem o explica a Igreja de S. Vicente, onde está depositado; e o estar tão perto do Santíssimo Sacramento, que — *est semen resurrectionis* —, não carece do mistério. Só no epíteto de *velho*, e na *barba larga e cã*, se podia reparar mais; mas El-rei já não é moço, e em respeito do Rei novo que hoje temos é velho; e se os cabelos enbranquecem na sepultura, pelos meus, que sou quatro anos mais moço, vejo que pode El-rei ressuscitar com barba branca e muito branca. Mas contudo a mim me parece que esta barba é postiça, e que êste poeta profético pintou a ressurreição do nosso rei com os olhos na idade de El-rei D. Sebastião, por quem esperava; e como pintou a ressurreição de um e a barba do outro, não é muito que lhe saísse o retrato menos ajustado nesta parte.

E já que tocamos nestas velhices que tanto duram, só digo a V. S.^a que o Bandarra não falou nem uma só palavra em El-rei D. Sebastião, antes todas as suas, desde o principio té o fim, desfazem esta esperança; porque o rei que descrevem é todo composto de propriedades contrárias, e

que implicam totalmente com El-rei D. Sebastião. E se não façamos outra indução às avessas da passada.

Êste rei de quem tratamos chama-lhe Bandarra rei novo: e El-rei D. Sebastião é rei tão velho que nascido de três anos começou a ser rei. Êste rei diz Bandarra que — *o seu nome é D. João*: e El-rei D. Sebastião tem outro nome tão diferente. Êste rei chama-lhe Bandarra Infante: e El-rei D. Sebastião nunca foi Infante, porque nasceu Príncipe, póstumo ao Príncipe D. João seu pai. Êste rei diz Bandarra que — *é bem andante e feliz*: e El-rei D. Sebastião foi infelicíssimo, e a causa de todas nossas infelicidades. A êste rei diz-lhe Bandarra — *saia, saia*: e a El-rei D. Sebastião dizia todo o reino — *não saia, não saia*. Êste rei diz Bandarra que — *não é de casta goleima* ou da casa de Áustria: e El-rei D. Sebastião tinha todo o sangue de Carlos V. Êste rei diz Bandarra que *é sòmente primo e parente de reis*: e El-rei D. Sebastião era neto de reis por seu pai, e de imperadores por sua mãe. Êste rei diz Bandarra, que — *tem um irmão bom capitão*: e El-rei D. Sebastião, nem teve, e não pode ter irmão, porque nem o Príncipe D. João nem a Princesa D. Joana seus pais tiveram outro filho. Êste rei diz Bandarra que — *é das terras e comarca*: e El-rei D. Sebastião não é de comarca, porque nasceu em Lisboa. Êste rei diz Bandarra que — *havia de ter guerra com Castela no princípio de seu reinado*: e El-rei D. Sebastião nunca teve guerra com Castela. Êste rei diz Bandarra que — *da justiça se preza*: e El-rei D. Sebastião prezava-se das fôrças e da valentia. Êste rei diz Bandarra que — *até certo tempo lhe não hão-de dar a mão os pontífices*: e El-rei D. Sebastião teve grandes favores dos pontífices de seu tempo, Paulo IV e os dois Pios, IV e V. Êste rei diz Bandarra que — *lhe não achou nenhum senão*: e El-rei D. Sebastião se não fôra a África não nos

perdera: veja-se se foi grande senão êste. Finalmente, porque não nos cansemos mais em prova de cousa tão clara, tirado sòmente ser El-rei D. Sebastião *semente de El-rei Fernando*, nenhuma cousa diz todo o texto do Bandarra dos sinais ou qualidades do rei que descreve, que se possa acomodar, nem de muito longe, a El-rei D. Sebastião.

As outras, que os sebastianistas chamam profecias, são papéis fingidos e modernos, feitos ao som do tempo e desfeitos pelo mesmo tempo, que em tudo tem mostrado o contrário. Até aquele texto tão celebrado: — *Cujus nomen quinque apicibus scriptum est* — (1), que os mesmos sebastianistas applicam ao nome *Sebastianus*, composto de cinco sílabas, tão fora está de ser em favor de sua esperança, que é uma milagrosa confirmação da nossa. Ápices propriamente não são sílabas, nem letras, senão os pontinhos que se põem sôbre a letra *i*. Assim o diz ou supõe o texto de Cristo: *Ista unum aut unus apex*. E qual seja o nome que tenha cinco ápices, ou cinco pontinhos sôbre a letra *i*, o nome seguinte o dirá: — **joannes iiiij** —. E não digo mais.

Mas estou vendo que tem mão em mim V. S.^a, e que me diz: *Dic nobis quando hæc erunt*. Respondo primeiramente que — *non est nostrum noscere tempora vel momenta quæ Pater posuit in sua potestate*. Mas, porque esta resposta é muito desconsolada, direi também o que a minha conjectura tem alcançado ou imaginado nêste ponto. Tenho para mim que dentro na era de sessenta se há-de representar no teatro do mundo toda esta grande tragicomédia. Fundo-me em cinco textos do Bandarra, três muito claros, e dois mais escuros mas muito notáveis.

(1) Em um dos *Cantos da Sibila Eritrea*, segundo os crentes.

No *Sonho terceiro*, falando Bandarra das profecias de Ezequiel e das hebdómadas de Daniel, diz assim:

E achei no seu contar,
Segundo aqui representa,
Que assim Gad como Agar,
Que tudo se há-de acabar,
Dizendo cerra os setenta.

E se Gad, que são os judeus, e Agar, que são os agarenos ou turcos, se hão-de acabar quanto às suas seitas, quando se cerrar o ano de setenta, que é o fim de toda a comédia, bem se segue que os actos ou jornadas dela se hão-de ir representando pelos anos da era de sessenta. O mesmo confirma Bandarra nas suas respostas, falando das mesmas profecias onde diz:

E depois delas entrarem
Tudo será já sabido;
Aqueles que aos seis chegarem
Terão quanto desejarem,
E um só Deus será conhecido.

Chama Bandarra a esta era — *era dos seis* — porque é era de 660 em que entram duas vezes seis, e na de 666 entram três vezes, que é número mui notável e mui notado no Apocalipse (1). É sem dúvida que é muito o que está para vir e para ver nêstes seis, pois diz Bandarra, que os que chegarem a êstes seis — *terão quanto desejarem*. No *Sonho segundo* diz:

E nêstes seis
Vereis cousas de espantar.

(1) Cap. XIII. « Qui habet intellectum computet numerum bestiae. Numerus enim hominis est: et numerus ejus sexcenti sexaginta sex ».

E logo abaixo repete o mesmo:

Desde seis até setenta,
Que se amenta
Do rei que virá livrar.

Assim que, todos êstes três ou quatro lugares do Bandarra mostram que esta era de 660 é o prazo determinado para o cumprimento de suas profecias, e dos prodígios prometidos nelas. E se disser alguém que êste número de seis ou de 660 pode ser de outro século e não dêste, respondo que não pode ser; porque já temos por fiador o ano de quarenta, que evidentemente foi dêste século e não de outro, e sôbre êste ano de quarenta é que vai Bandarra assentando as suas contas. Uma vez diz: *antes que cheguem quarenta*; outra vez diz: *já se chegam os quarenta*; outra vez: *já se passam os quarenta*; e sôbre êstes quarenta fala depois nos sessenta e nos setenta.

Dos outros dois textos que tenho prometido se tira ainda maior confirmação a esta conjectura. Chamei-lhe textos escuros, e também lhe pudera chamar textos tristes. O primeiro texto é das trovas do fim, e diz assim Bandarra:

Vejo quarenta e um ano
Pelo correr do planeta,
Pelo ferir do cometa
Que demonstra ser grão dano.

No ano de 618 apareceu em todo o mundo o último e famosíssimo cometa que viu a nossa idade. A figura era de uma perfeitíssima palma, a côr acesa, a grandeza como da sexta parte de todo o hemisfério, o sítio no Oriente, o curso sempre diante do sol, a duração por quási dois meses. Eu o vi na Baía, e V. S.^a devia de o ver. De então para cá não houve outro cometa, ao menos notável. Fala dêle

Causino no seu livro *De regno et domo Dei*(1) em três partes; atribue-lhe os efeitos principalmente em Espanha.

Dêste cometa, que por antonomásia foi o cometa desta Idade, entendo que fala o Bandarra, pois foi o cometa do século das suas profecias. E fazendo eu o cômputo dos anos pelo ferir do dito cometa, vem a fazer quarenta e um anos no fim dêste ano em que estamos, ou no princípio do que vem; porque o cometa, como fica dito, e como eu estou mui lembrado, appareceu no ano de 618, e, como observa Causino, o dia em que appareceu foi a 27 de Novembro, e o dia em que totalmente desapareceu foi aos 14 ou 15 de Janeiro, porque já então se enxergava mal.

Se fizermos pois a conta do dia em que o cometa appareceu, fecham-se os quarenta e um anos aos 27 de Novembro dêste ano de 659; e se a fizermos do dia em que desapareceu, fecham-se os mesmos quarenta e um anos aos 14 ou 15 de Janeiro do ano que vem, que é o ano de 60; o qual ano diz Bandarra que demonstra ser grão dano, porque os princípios desta notável representação é certo que hão-de ser trágicos e funestos, como o vão mostrando as vésperas. Em tudo se conforma o segundo texto com êste primeiro, senão que a escuridade do cômputo é nêle mais escura:

Trinta e dois anos é meio
Haverá sinais na terra,
A Escritura não erra,
Que aqui faz o conto cheio.
Um dos três que vem a reio,
Demonstra grande perigo,
Haverá açoite e castigo
Em gente que não nomeio.

(1) O Padre Nicolau Caussin, jesuíta, afamado teólogo, confessor de Luís XIII de França, escritor abundante. Entre suas obras encontram-se os dois tratados *Regnum Dei* e *Domus Dei*, que Vieira de memória confunde em um só.

Para intelligência, supponho que *contos cheios* são números perfeitos, que acabam em dez, como: 30, 40, 50, 60, 70, etc.; *contos não cheios* são os que não chegam a aperfeiçoar este número de dez, como: 31, 42, 53, 64, etc. Isto pôsto, os primeiros quatro versos falam da aclamação de El-rei, a qual succedeu no conto cheio do ano de quarenta, tão celebrado do Bandarra, tendo decorrido primeiro, desde a morte do último rei portuguez, trinta e dois anos e meio, isto é sessenta e um anos, porque trinta *dois* são sessenta, e meio *dois* é um: e tantos anos pontualmente passaram desde a morte do último rei de Portugal, D. Henrique, que morreu em Janeiro do ano de 1580, até à aclamação de El-rei D. João o IV, que foi em Dezembro de 1640. Até aqui corre facilmente a explicação desta copla: a dificuldade está nos versos que se seguem:

Um dos três que vem a reio
Demostra grande perigo, etc.,

porque há já muito que passaram os três anos *que vem a reio* depois do *conto cheio* do ano de quarénta, e não vimos êsses perigos, nem êsses açoites, nem êsses castigos. Digo pois que — *um dos três que vêm a reio* — não significa um dos três anos, como se cuidava, senão um dos três contos cheios, que é o que fica imediatamente atrás: os quais três contos cheios, depois do ano de quarenta, são o ano de cincoenta, e o ano de sessenta, e o ano de setenta; e um dêstes três contos cheios é o que demostra grande perigo. Resta agora saber qual dos três será. Quanto eu posso alcançar, tenho para mim que é o ano que vem de sessenta. E provo. Êstes três contos cheios são o ano de 50, o ano de 60, e o ano de 70: o ano de 50, não é, porque já passou; o ano de 70, não pode ser, porque então, como fica dito, se há-de acabar tudo; logo resta ser o ano de sessenta.

Nêste ano haverá açoite e castigo em gente que o Bandarra não nomeia, entendo que por reverência do Estado eclesiástico: haverá açoite e castigo em Roma, haverá açoite e castigo em Portugal. E pôsto que todos devem aceitar êstes castigos e açoites como da mão de quem os dá, e procurar aplacar sua divina justiça tão merecidamente provocada, saibam porém os portuguezes, para que os não desanime nenhum trabalho por grande que seja, que o mesmo Deus que os castiga os ama, antes porque os ama os castiga, e que depois de castigados e purificados com esta tribulação os há-de fazer vasos escolhidos de sua glória. Fora de Espanha veremos tudo o que nêste papel fica profetizado; dentro de Espanha veremos que Portugal prevalece e Castela acaba. Bandarra nas trovas do fim:

Vejo um alto rei humano
Levantar sua bandeira,
Vejo como por peneira
A grifa mœrre no cano.

No efeito dos sucessos é certo e certíssimo que me não engano; no cômputo do tempo, de que não tenho tanta segurança, também presumo que me não hei-de enganar. E se assim fôr, aparelhe-se o mundo para ver nêstes dez anos fatais uma representação dos casos maiores e mais prodigiosos que desde seu princípio até hoje tem visto. Em Espanha verá o rei de Portugal ressuscitado, e Castela vencida e dominada pelos portuguezes. Em Itália verá o Turco bárbaramente vitorioso, e depois desbaratado e pôsto em fugida. Em Europa verá universal suspensão de armas entre todos os Príncipes cristãos, católicos e não católicos; verá ferver o mar e a terra em exércitos e em armadas contra o inimigo comum. Na África e na Ásia, e em parte da mesma Europa, verá o Império Otomano acabado,

e El-rei de Portugal adorado Imperador de Constantinopla. Finalmente, com assombro de todas as gentes, verá aparecidas de repente as dez tribus de Israel, que há mais de dois mil anos desapareceram, reconhecendo por seu Deus e seu senhor a Jesus Cristo, em cuja morte não tiveram parte.

Esta é a prodigiosa tragicomédia, a que convida Bandarra nêstes dez anos a todo o mundo. Mas saibam ôs que vivem que, na primeira scena desta grande representação, nadará todo o teatro em sangue, no qual ficará quasi afogado o mesmo mundo, porque há-de chegar até cobrir a cabeça. *Et Tibrem multo spumantem sanguine cerno.*

Com isto, Padre e senhor meu, me haja V. S.^a por desempenhado da maior clareza que deseja, pois se não pode falar mais claro. E eu também me hei por despedido do meu profeta, que em trajo tão peregrino parte do Maranhão a Lisboa, levando por fiador de sua fortuna a sua mesma verdade. Assim diz êle no prólogo de sua sapataria, de que são todos os versos com que quero acabar:

Sempre ando ocupado
Por fazer minha obra boa,
Se eu vivera em Lisboa
Eu fôra mais estimado.

Estimado será, porque promete ser bem recebido de muitos senhores, pôsto que não de todos, que nem os seus labores são para todos:

Sairão do meu coser
Tantas obras de labores,
Que folguem muitos senhores
De as calçar e trazer.

Conhece que haverá quem goste e quem não goste

dêstes versos grosseiros, mas também diz que uns e outros trazem a causa consigo: os que entendem gostarão, os que não gostarem é porque não entendem:

Se quiser entremeter
Laços em obra grosseira,
Quem tiver boa maneira
Folgará bem de a ver.

E mais abaixo:

A minha obra é mui segura
Porque a mais é de correia,
Se a alguém parecer fcia
Não entende de costura.

Finalmente supõe que há-de haver glosadores ao seu texto, e eu suponho que haverá muitos mais à minha glosa, mas nem por isso direi como êle diz:

Inda que estem remoendo,
Não me toquem no calçado.

Só digo que, sôbre ter dito tanto, ainda é muito o que calo. Tudo aprendi do mesmo mestre, que não duvidou dizer de si:

Sei medida, sei talhar,
Em que vos assim pareça,
Tudo tenho na cabeça,
Se eu o quiser usar;
E quem o quiser glosar
Olhe bem a minha obra,
E verá que ainda me sobra
Dois cabos para ajuntar.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos como desejo e como

estas cristandades hão mister. Camutá, no caminho do rio das Amazonas, 29 de Abril de 1659(1).

CARTA LXXXIV

Ao Padre André Fernandes (2)

1659 — Novembro 11

As almas que temos entre mãos, só na empresa dos Nheengaibas, não nos contentamos com que sejam cem mil; e para applicarmos a êles um só Padre com seu companheiro é necessário tirá-lo de outra parte, de onde se não pode tirar sem grande escrúpulo, e risco de outras almas.

V. S.^a, por amor de quem as remiu com seu sangue, nos valha nêste apêrto, que é à letra o de se nos estar indo a barquinha ao fundo com o pêso da muita pesca. Se não somos socorridos, e muito à pressa, não sei como nos havemos de valer. Eu faço de mim pedaços, e não

(1) Sem assinatura. Á margem e da mesma letra: «Era dia de S. Pedro Mártir». A data não é a verdadeira do exemplar junto ao processo, entregue ao Santo Officio pelo Bispo do Japão, porque atrás diz nêle o autor (supra, pág. 500): « Todo êste papel, na mesma formalidade em que aqui vai lançado, o escrevi em último de Abril dêste ano, como se verá pela primeira via dêle, que logo então mandei pelo Maranhão ». Vê-se portanto que é de época posterior esta outra via. Com a primeira teria ficado o Bispo, ou a Rainha, a quem era destinada. O texto impresso nas *Obras inéditas* deve ser ruím traslado de alguma das várias cópias distribuídas.

(2) Trecho na *Vida* pelo Padre André de Barros, Liv. V.